

os subterrâneos da liberdade  
*volume 1. os ásperos tempos*

JORGE AMADO



Posfácio de Daniel Aarão Reis  
no terceiro volume



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Grapiúna Produções Artísticas Ltda.  
1ª edição, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1954

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

*Consultoria da coleção* Ilana Seltzer Goldstein

*Projeto gráfico* Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

*Pesquisa iconográfica do encarte* Bete Capinan e Luciana Bueno Marta Arbex

*Imagens de capa* © Confronto entre Integralistas e Comunistas na avenida Paulista, de Manuel Ginjo, 1937. Museu da Imagem e do Som de São Paulo (capa); © Luiza Chiodi/ Companhia Fabril Mascarenhas (chita); © Acervo Fundação Casa de Jorge Amado (orelha). Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

*Cronologia* Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

*Assistência editorial* Cristina Yamazaki

*Preparação* Cacilda Guerra

*Revisão* Carmen S. da Costa e Marise Leal

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Amado, Jorge, 1912-2001.

Os ásperos tempos / Jorge Amado. — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1928-8

1. Ficção brasileira I. Título.

---

11-06954

DDD-869.93

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

*Diagramação* Spress

*Papel* Pólen Soft

*Impressão* RR Donnelley

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br



## CAPÍTULO PRIMEIRO

# 1

AQUELE FORA UM MÊS DE MÁΣ NOTÍCIAS. O DEPUTADO ARTUR CARNEIRO MACEDO DA ROCHA, descendente de velha estirpe paulista, pensava com alegria que dentro em poucas horas aquele fatídico mês de outubro do ano de 1937 estaria terminado, talvez novembro se iniciasse sob melhores auspícios.

Vinha de trocar de roupa e, ao esvaziar os bolsos do paletó que usara durante a tarde, encontrou o telegrama de Paulo. Mais uma vez o releu e logo o jogou sobre a cama num gesto irritado. Afinal quando ele chegaria? Por que se demorava em Buenos Aires? Nenhuma precisão no telegrama. Paulo poderia desembarcar de um avião a qualquer momento e se encontraria, com certeza, cercado de repórteres ávidos. Fez um esforço para não pensar no filho, na sua próxima chegada, no escândalo que o cercava.

Olhou-se novamente no espelho, antes de sair, e encontrou-se elegante no smoking bem-talhado, um formoso homem ainda, apesar dos seus cinquenta anos. Quem lhe daria essa idade? Soubera conservar-se jovem e os raros fios de cabelos brancos emprestavam-lhe um certo ar de distinção que ia calhar num político da sua responsabilidade. Ajustou a gravata, agora pensava em Marieta Vale.

Na rua, o chofer curvou-se um pouco ao abrir a portinhola do grande automóvel negro. Artur ordenou:

— Vamos à casa do Costa Vale.

Chovera no princípio da noite e o automóvel atravessava uma cidade molhada e semideserta nas ruas silenciosas do bairro elegante. Através dos vidros, Artur enxergava os postes elétricos derramando uma luz baça sobre gotas d'água no passeio, dando-lhes um brilho de pedra preciosa. À proporção que avançavam para o centro da cidade o movimento aumentava e a marcha se fazia lenta. Uma longa fila de autos atulhava o viaduto do Anhangabaú, dirigindo-se ao Teatro Municipal. Enquanto esperava o descongestionamento do trânsito, Artur leu, quase soletrando através dos cristais úmidos, a inscrição em piche que mãos desconhecidas haviam traçado sobre os sólidos muros

do edifício monumental da Light & Power, o monopólio americano da energia elétrica: ABAIXO O IMPERIALISMO IANQUE! VIVA O PCB.

E de novo foi lançado em turvos pensamentos sobre o mês de outubro e suas desagradáveis lembranças. O automóvel marchava outra vez, mas Artur continuava a enxergar a inscrição subversiva. E ela relembra-va-lhe a entrevista com o dirigente comunista, a precisão das palavras do moço, suas propostas de união e a perspectiva dramática que ele traçara no caso em que os políticos democráticos continuassem “de olhos fechados”. Uma estranha mistura de sentimentos dominava Artur ao recordar a entrevista: um certo despeito — aquele homem ainda moço, malvestido, saído sem dúvida dos meios operários, querendo lhe ensinar política — e uma certa admiração pela severa figura do revolucionário.

Pensou na outra entrevista que tivera naquele mês: com o ministro do Exterior, gordo e pegajoso diplomata, a propósito do caso de Paulo. Fora igualmente desagradável, não lhe deixara tampouco uma lembrança amável. Mas tinha sido diferente: com o ministro ele se encontrara dono da situação em todos os momentos, dirigira o desenrolar da entrevista como melhor lhe parecera. Em todo caso, muito desagradável.

Gostaria de pensar em coisas alegres, de arrancar-se das recordações daquele outubro exasperante. Por que não pensar em Marieta Vale, que ia rever após longos meses de ausência — o colar de pérolas brilharia sem dúvida mais sobre a brancura do seu colo que as gotas d’água cortadas pela luz —, por que não pensar em seus olhos e em seu sorriso, que dentro de momentos reencontraria, por que amargar-se com a boataria política, com o telegrama anunciando a próxima chegada de Paulo, com o escândalo que cercara a bebedeira do rapaz, com a entrevista com o ministro, com o recente encontro com o dirigente comunista? Parecia-lhe ouvir ainda as últimas palavras pronunciadas, com uma gravidade quase solene, pelo revolucionário:

— A culpa caberá inteiramente aos senhores. Quanto a nós, sabemos como agir...

Fitando o pavimento molhado, tentava enxergar, sob a luz derramada pelos postes, o rosto moreno e melancólico de Marieta, tantos anos inutilmente desejado. E o que via era a face magra, de uma extrema magreza, do homem jovem que Cícero d’Almeida lhe apresentara simplesmente como o camarada João. A testa larga, onde começavam a rarear os cabelos, uns profundos olhos curiosos, as mãos nervosas em contraste com a voz grave e tranquila, pausada como a de um professor.

A certeza mais absoluta que a entrevista deixara a Artur é que sua comentada habilidade política — “aquilo é sutil como um gato”, dizia dele o líder da maioria na Câmara — de nada lhe servira ao conversar com o comunista. O homem sabia o que queria e o dizia tranquilamente, sem escolher palavras, sem frases dúbias, de uma forma direta e clara à qual Artur não estava habituado. E quando ele tentava envolvê-lo nos meandros das suas sutilezas, o rapaz apenas sorria e o deixava falar para depois voltar aos seus argumentos precisos, à citação dos fatos concretos, à proposta de união de todas as forças democráticas contra Getúlio Vargas e os integralistas. Em nenhum momento, durante a hora e meia em que conversaram, Artur se sentiu senhor da situação.

Sim, outubro fora um mês de más notícias, de indesejáveis acontecimentos. Um clima nervoso de incerteza andava pelo ar, dominava os políticos e dele se desprendia um indefinível sentimento de medo, medo de qualquer coisa que iria fatalmente acontecer de um momento para outro sem que nenhuma pessoa pudesse evitar. Ninguém precisava o que seria, mas por que diabo ninguém acreditava tampouco que as eleições se realizassem? Por que essa quase certeza de um imprevisto cortando a marcha regular da campanha eleitoral, que parecia estar no conhecimento de todos, quando, na realidade, nada de positivo se sabia, nada de concreto se provava? No entanto, era tão forte aquela atmosfera de expectativa que Artur podia sentir o medo como uma coisa quase palpável quando conversava com os colegas nos corredores da Câmara, com os correligionários pelas cidades do interior. Terminara por dominá-lo a ele também, apesar da sua longa experiência política que o situava como um dos mais hábeis parlamentares do país e um dos chefes anti-getulistas de maior prestígio.

A verdade é que o comunista João (como se chamaria ele em realidade?, perguntava-se Artur. João não era certamente o seu nome) precisava dessa coisa que andava no ar, falara concretamente do golpe de Estado que Getúlio Vargas preparava em aliança com os integralistas e, ao contrário de todos os demais políticos, ele afirmava, em nome do seu Partido, desse misterioso e amedrontador Partido que nunca se contava na relação dos partidos políticos do país, que o golpe poderia ser evitado, as eleições poder-se-iam realizar se as forças dos dois candidatos à presidência da República se quisessem unir, fazendo uma trégua na campanha eleitoral, para impedir as manobras de Vargas e dos fascistas. Uma declaração pública, firmada pelos dois candidatos e pelos

governadores que os apoiavam, senhores da situação nos estados mais importantes, seria o bastante para alertar a opinião pública e pôr um paradeiro ao golpe em preparação. O comunista mostrava um perfeito conhecimento da situação:

— Não me refiro ao governador de Minas. Esse é um homem de Getúlio, cem por cento. Falo dos estados que apoiam realmente os dois candidatos: São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul e Pernambuco.

Bem, o comunista falara de coisas concretas. Da viagem do agente de Vargas, o avião parando em cada capital de estado para consultar — para avisar, dissera o rapaz — os governadores sobre o golpe, cuja data já estava marcada. Uma Constituição fascista tinha sido redigida por um jurista mineiro e aprovada pelos integralistas. Um general fascista seria nomeado comandante militar da cidade do Rio de Janeiro. Não eram boatos, o rapaz estava perfeitamente bem informado. Artur já antes tivera notícia da viagem do emissário de Getúlio, mas o comunista dera-lhe detalhes novos, irrefutáveis, trechos de conversas, a certeza de que o golpe se estava gestando e não tardaria a liquidar a campanha eleitoral, a liquidar também as mais caras esperanças do deputado Artur Carneiro Macedo da Rocha, cuja designação para ministro da Justiça era considerada coisa assentada no caso de Armando de Sales ser eleito presidente da República.

Nem mesmo o escândalo provocado com a bebedeira de Paulo abalara a solidez da sua candidatura ministerial. A imprensa inimiga utilizara o incidente, explorando-o de maneira revoltante. Manchetes, títulos e subtítulos em grossos caracteres, editoriais falando em “nome do Brasil arrastado na lama”, em “bêbedo rompendo a nobre tradição da diplomacia”, metiam sob os olhos dos leitores, menos que o nome de Paulo, o nome de seu pai, o deputado Macedo da Rocha, chefe de propaganda da candidatura Armando de Sales e um dos seus líderes mais importantes. Como se fosse um bicho de sete cabeças um jovem segundo secretário de embaixada, farto até a raiz dos cabelos da chata monotonia da vida em Bogotá, beber além da medida e dizer alguns palavrões em meio a uma festa diplomática. Admitindo mesmo como verdade (e Artur sabia que era verdade, Paulo perdia todo o controle quando se embriagava) que tentara, como narravam num excesso de detalhes os telegramas nas primeiras páginas dos jornais, despir em plena sala de baile a esposa de um certo dom Antônio Reyes, e que rolara pelo assoalho em luta corporal com as pessoas que o tentavam dissuadir de tal empresa, ainda assim,

noutra ocasião qualquer, a coisa não passaria de incidente sem maiores conseqüências, motivo apenas para cochichos murmurados nos corredores do Itamaraty, dando margem quando muito à remoção de Paulo para uma capital europeia onde as bebedeiras dos secretários de embaixadas sul-americanas não chegam a escandalizar.

Desta vez, entretanto, resultara em toda essa ignóbil exploração, editoriais em negrito, artigos de fundo nos jornais, caricaturas nas revistas e até um quadro humorístico que fazia o sucesso de um espetáculo de variedades num teatro carioca. Como se o rapaz houvesse criado um perigo de guerra entre o Brasil e a Colômbia, como se um porre (“acontecimento trivial em meio ao nosso corpo diplomático”, como ele dissera ao ministro) houvesse liquidado a honra da pátria e insultado os sentimentos mais profundos da República colombiana.

Pura exploração política. Tentativa de envolver num clima escandaloso não só a ele, Artur, mas a toda a facção política que ele representava, as velhas famílias paulistas donas de enormes extensões de terra, de milhões de cafeeiros, apresentando-os como os símbolos de um fim de raça que se termina no álcool e na devassidão, incapazes portanto de dirigir os negócios públicos do país. Os jornais getulistas atacavam, tomando como pretexto o escândalo de Paulo, toda a campanha eleitoral, e os integralistas falavam na necessidade de “sangue novo no Itamaraty”. E todos, unanimemente, pediam um “castigo exemplar para o filhinho de papai que emporcalhara, na culta capital da República irmã, o nome que Rio Branco construiu para a nossa pátria à frente do Ministério do Exterior”.

Projetaram mesmo demitir o rapaz. Por isso Artur fora obrigado a falar muito francamente com o ministro, a dizer-lhe duras verdades. Eis o que fizera a entrevista desagradável: Artur tivera que sair de seus hábitos, da sua costumada maneira de ser, sutil e macia, ele que não amava a violência. Mas, de fonte segura, lhe haviam informado que o ministro já tinha redigido o telegrama onde exigia que Paulo apresentasse seu pedido de demissão. Que jeito senão ser violento, ameaçar, mostrar que era um adversário perigoso? Tinha de salvar a carreira do filho.

Com essa entrevista começara o mês e o terminara com a entrevista com o dirigente comunista, cercada de mistério, duas vezes adiada, deixando-lhe uma recordação ainda mais amarga que a conversa pouco diplomática no gabinete ministerial do Itamaraty. É que, por mais desagradável que houvesse sido, a visita ao ministro terminara numa vitória: nenhum castigo perturbaria a carreira de Paulo, apenas ele ficaria no



Rio de Janeiro, sem designação para o estrangeiro, durante alguns poucos meses. Tivera de falar franco, num tom ameaçador, mostrar que conhecia nas pontas dos dedos — possuía vinte e cinco anos de vida política — a série infinita de escândalos que se escondia sob os muros respeitáveis e hipócritas do Itamaraty. Citara nomes e fatos. Detalhara ao ministro horrorizado o discurso que havia preparado para quando a demissão, ou qualquer outra sanção contra Paulo, o obrigasse a debater o assunto na Câmara dos Deputados. Enquanto a coisa não passasse de exploração política nos jornais, ele se manteria calado. Mas, se atingissem o rapaz com qualquer medida disciplinar, nesse caso...

Mesmo para dizer as coisas mais duras, Artur mantinha aquela voz redonda e macia que lhe dera fama de bom orador parlamentar: que significava a juvenil embriaguez de Paulo (“que jovem diplomata não se embriagou pelo menos uma vez na vida?”) comparada com o escândalo dado pelo conselheiro da embaixada em Lisboa — agora embaixador no Egito —, figura ilustre do Itamaraty? O ministro recordaria o fato certamente, datava apenas de um ano: o então conselheiro de embaixada fora preso pela polícia lusitana quando, bêbedo como uma cabra, tomava banho nu na praia elegante do Estoril, à meia-noite, em companhia da esposa do ministro salazarista de Obras Públicas, nua ela também, sem ter sequer longos cabelos com que cobrir o corpo “como o fazia Eva no paraíso”. Sorriu a essa frase que, como o ministro podia ver, daria certa graça ao discurso. O pior era ser obrigado a citar o nome da esposa do ministro português envolvida no escândalo, quando tão cordiais se mantinham as nossas relações com o governo de Salazar. Mas que fazer, se esse enorme escândalo fora completamente abafado, nem uma notícia nos jornais, e o conselheiro da embaixada tivera “sua vocação nudista premiada com a legação no Egito”?

O ministro tentava interrompê-lo, mas Artur continuava a detalhar escândalo sobre escândalo: que dizer do embaixador na Finlândia, que passara três dias na cadeia de Helsinque, sem dar a conhecer a sua qualidade de diplomata, por ter, em estado da mais lastimável embriaguez, quase destruído um pacífico cabaré nórdico? No Brasil quase nem se soubera do fato que, no entanto, servira aos caricaturistas da Escandinávia para ilustrar revistas humorísticas que ele, Artur, por casualidade, possuía e que exibiria na tribuna da Câmara. Lastimava ter que fazê-lo, pois o aludido diplomata, atualmente embaixador nos Estados Unidos e uma das mais prestigiosas figuras da nossa

diplomacia, era seu velho camarada, juntos haviam cursado a Faculdade de Direito de São Paulo. Mas, o ministro havia de compreender, era a carreira de seu filho que estava em jogo, sua honra também, e a própria honra dele, Artur, que a imprensa, com a cumplicidade do governo — sublinhava essas palavras —, enxovalhava devido a um incidente sem a mínima importância, uns tragos a mais que o rapaz bebera. E não ficaria apenas no relato de cachaçadas homéricas de ilustres embaixadores. O ministro tinha conhecimento, certamente, de que em seu ministério sucediam coisas mais graves do que simplesmente borracheiras mais ou menos rumorosas, coisas que Artur — afirmava com voz quase terna — não desejaria jamais tornar públicas. Como homem político que era, zeloso do prestígio das classes conservadoras, Artur preferia que a grande massa popular, as classes trabalhadoras já tão desiludidas e atualmente tão influenciadas pelas ideias subversivas dos comunistas, não tomassem conhecimento desses fatos que em nada ajudavam a manter o prestígio dos homens públicos do país. Se o fizesse, se fosse obrigado a pronunciar o tal discurso, não o culpassem a ele e sim aos que queriam explorar politicamente a bebedeira de Paulo. Que diria o povo ao saber do escândalo do chá, em que estivera envolvida quase toda a representação diplomática do Brasil na China, uma negociata que rendera milhares de dólares aos funcionários da nossa embaixada em Pequim? E que gozo não seria para a “gentinha” do povo a leitura de lista enorme — verdadeiramente enorme, senhor ministro — dos funcionários categorizados do Itamaraty que “se davam ao elegante vício da pederastia”? Nesse particular os escândalos se amontoavam, alguns realmente picantes, bom material, sem dúvida, para um discurso de oposição ao governo. Havia, por exemplo, aquela divertida história acontecida em Buenos Aires, quando da Conferência pela Paz do Chaco, em que estavam envolvidos um belo e jovem secretário de embaixada e o respeitabilíssimo e efeminadíssimo embaixador...

O ministro não o deixou continuar (Artur queria citar trechos do poema que o embaixador escrevera para o jovem secretário). Estava vencido, esmagado, e desejava evitar sobretudo referências ao caso do chá, no qual estava envolvido um seu próximo parente... Começou ele mesmo a desculpar o procedimento de Paulo, “coisas de rapaz”, disse, e afirmar que jamais lhe passara pela cabeça qualquer medida punitiva. Também ele condenava a excitação sensacionalista da imprensa, onde enxergava velha má vontade para com o Itamaraty, antiga rivalidade

entre diplomatas e jornalistas, agravada naquele caso pelo aspecto político, pela paixão despertada com a campanha eleitoral. Mas tudo havia de se arranjar da melhor forma, talvez fosse necessário que Paulo estagiasse uns seis meses numa das secretarias do ministério, logo depois se encarregariam de dar-lhe um bom posto na Europa. E acrescentou, uma falsa nota de melancolia na voz:

— Nesse momento eu já não serei ministro, as eleições já se terão realizado e outro ocupará esse gabinete...

Mas Artur descobria uma distante ponta de ironia na sua voz, como quem não acreditava nem em eleições nem em novo ministro. E se surpreendeu ao reconhecer no oficial de gabinete que o acompanhou pelos corredores, após a entrevista, um intelectual integralista cujos artigos violentos reclamavam um “regime forte” para o país e o fim da “torpe comédia eleitoral”. Por todas as partes se encontravam agora os integralistas e era por toda parte aquela atmosfera de conspiração, de golpes que se preparavam, de conversas cochichadas, de expectativa.

Talvez tivesse sido esse clima de nervosismo, esse sentimento obscuro de medo, que o houvesse levado a aceitar a ideia de uma conferência com um dirigente comunista que Cícero d’Almeida, o conhecido escritor, lhe propusera. Artur desejava saber o que os comunistas pensavam da situação, colher dados, pois eles passavam por bem informados. Tinha também uma certa curiosidade de conhecer e tratar com uma dessas misteriosas personalidades que dirigiam a luta comunista dos seus impenetráveis esconderijos. Os que ele conhecia eram geralmente intelectuais como Cícero d’Almeida e Artur não podia julgá-lo como um comunista, ligando-o a tudo que esta palavra lhe significava. Como ele próprio Cícero descendia de uma antiga família da aristocracia cafeeira, seus avós haviam sido senhores de escravos como os de Artur, Cícero havia cursado como ele a Faculdade de Direito de São Paulo, vestiam-se no mesmo caro alfaiate, faziam os sapatos sob medida na mesma elegante sapataria, encontravam-se nas mesmas recepções e por vezes até discutiam, o escritor citando Marx entre os cristais onde brilhava o uísque.

O comunismo em Cícero era, segundo Artur, uma extravagância intelectual, não representava um sério perigo e ele mesmo interviera certa vez junto às autoridades para libertá-lo quando o escritor estivera preso. Dissera então ao chefe de polícia:

— Extravagância de intelectual jovem. Afinal é um robusto talento e é filho do velho conselheiro Almeida, herdeiro da sua fortuna. Um dia